

# A IDENTIFICAÇÃO DE UNIDADES GRAMATICAIS NA LIBRAS: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM BASEADA-NO-USO\*

**Tarcísio de Arantes Leite\*\***  
**Leland McCleary\*\*\***

*Resumo:* Toda língua constitui-se a partir de unidades gramaticais com diferentes níveis de complexidade, tais como palavras, sintagmas, orações e períodos simples ou complexos. No estudo das línguas de sinais – como no das línguas orais –, a maioria das análises gramaticais tem sido feita a partir do apelo a julgamentos de gramaticalidade de falantes nativos e muitas vezes, mesmo em estudos de “língua em uso”, a partir de sentenças eliciadas. Alguns estudiosos das línguas sinalizadas, contudo, têm sugerido cautela no uso de tais metodologias devido ao viés em potencial que a estrutura das línguas orais – em particular, em sua forma escrita – pode imprimir sobre os dados sinalizados e, conseqüentemente, sobre as análises. Seguindo essa perspectiva crítica, o presente trabalho tem por objetivo apresentar um critério menos intuitivo para a identificação de unidades gramaticais na língua brasileira de sinais (libras). A proposta é a de que, pelo menos parcialmente, os recursos formais indicadores dos limites de tais unidades possam ser apreendidos a partir do discurso espontâneo na libras, por meio de uma análise translinguística sobre a forma e função de práticas discursivas corriqueiras (e.g. narrativas, contrastes, listagens). Buscando dar sustentação a essa proposta, o presente trabalho irá fazer uma análise de diferentes ocorrências da prática de listagem na libras, destacando alguns recursos formais que podem servir como um ponto de referência inicial para a identificação de unidades gramaticais nessa língua.

*Palavras-chave:* língua de sinais; análise da conversa; listagem.

\* O presente artigo é uma reformulação de parte da tese de doutorado desenvolvida pelo primeiro autor, sob a orientação do segundo autor (LEITE, 2008). Uma versão inicial do presente recorte foi apresentada no Colóquio de Ciência Cognitiva, na Case Western Reserve University, em novembro de 2008.

\*\* Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do curso de Letras-libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: tleite@cce.ufsc.br

\*\*\* Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Língua Inglesa do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP).

■ **A**o contrário das línguas orais (LOs), que têm sido objeto de interesse de filósofos e estudiosos da linguagem há séculos, as línguas de sinais (LSs) têm permanecido às margens do olhar investigativo humano desde os tempos mais remotos. Quando mencionadas ou mesmo abordadas em algumas raras ocasiões históricas, estudiosos e pensadores raramente foram capazes de ir além de interpretações desprovidas de uma fundamentação empírica sobre o real estatuto desses sistemas de interação linguística/social essencialmente visuais. Tal tradição não seria rompida senão na segunda metade do século XX, com os trabalhos seminais de William Stokoe sobre a língua de sinais americana (ASL). Esses trabalhos vieram demonstrar que as LSs eram estruturadas por uma gramática tão complexa quanto a das LOs (STOKOE, 1960; STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965).

Desde então, nas décadas subsequentes, pudemos assistir a um grande crescimento nos estudos das LSs pelo mundo. A razão do crescente interesse por esse novo objeto de estudo não é de surpreender: se as LSs são de fato línguas naturais, como os estudos de Stokoe vieram mostrar, então a compreensão sobre essas línguas deve se mostrar fundamental para a compreensão do fenômeno linguístico de maneira geral, independentemente dos canais específicos por meio dos quais a linguagem humana se manifesta.

Em face dessa questão, surge então uma pergunta: seriam os mecanismos de funcionamento identificados nas LOs os mesmos que operam nas LSs? Ainda que possamos assumir que sim, dado que em ambos os casos estamos lidando com línguas naturais que devem compartilhar dos mesmos princípios universais, alguns dos maiores pesquisadores de línguas de sinais têm argumentado que o grande ganho do estudo dessas línguas não está em meramente estender a aplicação dos construtos teóricos da linguística moderna às línguas de sinais, mas sim em tomar o objeto de estudo da língua de sinais como um referencial crítico para uma revisita e um aprofundamento acerca desses construtos (por exemplo, ARMSTRONG; STOKOE; WILCOX, 1995; LIDDELL, 2003; WILCOX, 2004b). Afinal de contas, o fato de a linguística ter se desenvolvido com diversos vieses sócio-históricos<sup>1</sup> que nos distanciam do modo como as LSs exigem que as estudemos sugere que a linguística do século XXI necessitará rever até mesmo os seus conceitos mais fundamentais, sempre no sentido de ampliar o alcance de suas generalizações e, conseqüentemente, a profundidade de suas definições.

## **O PROBLEMA DA SEGMENTAÇÃO GRAMATICAL**

Toda gramática é formada por uma combinação de segmentos linguísticos convencionais de natureza *discreta* – daqui em diante, “unidades”, cf. Langacker (2001) – e recursos suprasegmentais diversos; esse todo estruturando-se em

1 Entre eles, alguns vieses relevantes no contexto da presente pesquisa: 1. o das línguas orais como objeto de estudo; 2. da dimensão sonora como recorte metodológico de registro e análise da linguagem humana; 3. da escrita como ferramenta de registro e análise da dimensão sonora da linguagem humana; 4. das análises pautadas em dados eliciados e intuitivos em detrimento da linguagem em uso; 5. do estudo das variedades padrão dos centros/camadas sociais/gêneros de poder, em detrimento às variedades cotidianas e de pouco prestígio, variedades de contato etc. Para duas reflexões críticas acerca dos vieses teóricos e metodológicos do estudo da linguagem, elaboradas pelo menos parcialmente com motivação do estudo das línguas de sinais, ver Leite (2011) e McClery (2011).

diferentes níveis de complexidade<sup>2</sup>. No nível do discurso, as unidades canônicas que têm servido de ponto de partida para análises sobre processos morfológicos e sintáticos são as palavras, os sintagmas, as orações e as sentenças simples e complexas. A identificação desses diferentes tipos de unidades é fundamental para a descrição gramatical devido ao caráter sistêmico e recursivo das línguas naturais, isto é, pelo fato de que uma unidade linguística complexa só pode ser plenamente compreendida quando compreendemos de que modo ela foi estruturada pelas unidades menores que a constituem – além, é claro, dos recursos suprasegmentais. Em outras palavras, para compreendermos o todo, necessitamos compreender as partes – ainda que o todo não se reduza às partes – e, para entender as partes, necessitamos compreender o todo.

Nesse sentido, a despeito de todos os avanços que já foram feitos na linguística das LSs até hoje, chama a atenção à dificuldade dos estudiosos em determinar de maneira confiável quais seriam as unidades gramaticais básicas dessas línguas. Tal problema foi assim posto por Baker e Padden (1978, p. 35, tradução nossa), já na década de 1970, em relação à língua de sinais americana:

*Nós ainda não possuímos uma gramática da ASL. Um grande obstáculo para que possamos descrever tal gramática é que nós não sabemos ao certo o que chamar de “sentença” na ASL, ou o que constitui uma unidade gramatical. Isso é particularmente verdadeiro para aquelas sequências sinalizadas que envolvem mecanismos ausentes nas línguas orais – tais como o uso do espaço pelo sinalizador para indicar relações gramaticais. Nós temos receio de impor a estrutura do inglês ou de línguas orais sobre os sinais. O que nós precisamos é uma estratégia para compreender quais são as unidades gramaticais que os próprios sinalizadores surdos percebem em sua língua.*

Ante o problema de não saber o que constitui uma unidade gramatical na ASL e receosas de impor estruturas das LOs indiscriminadamente sobre as LSs, as pesquisadoras optaram então pela análise de conversas espontâneas entre surdos. A ideia era a de que a análise do processo de troca de turnos pudesse servir como evidência para a identificação dos recursos empregados pelos surdos na delimitação das unidades gramaticais das línguas de sinais. Em sua análise, então, as autoras identificaram o direcionamento do olhar e o piscar de olhos como possíveis indicadores dos limites de unidades gramaticais na ASL.

## **A PROPOSTA ATUAL E A SUA BASE TEÓRICA**

O presente trabalho propõe-se a dar prosseguimento ao *insight* de Baker e Padden (1978) – com a vantagem de dispor de um avançado aparato tecnológico, comparativamente ao que havia ao dispor das pesquisadoras na década de 1970. Similarmente às pesquisadoras americanas, este trabalho visa propor uma metodologia de delimitação de unidades gramaticais na libras que, diferentemente da eliciação de sentenças e do julgamento de gramaticalidade, valorizem mais a empiria do que a intuição de pesquisadores e falantes. Por meio dessa estratégia, espera-se que os resultados alcançados evitem qualquer “imposição” – para usar os termos de Baker e Padden – de nosso conhecimento da

2 Para uma discussão instigante dos fenômenos segmentais e suprasegmentais na língua, na paralinguagem e na gestualidade, ver Poyatos (2002).

estrutura das LOs e da escrita em particular sobre os dados sinalizados. A esperança é a de que esse tipo de trabalho, futuramente, possa fundamentar análises morfológicas e sintáticas com base em unidades gramaticais da libras de uma maneira mais confiável.

Para isso, um primeiro passo foi o de tomar o discurso espontâneo – mais particularmente, uma *conversa* entre surdos adultos fluentes – como ponto de partida das análises. A proposta de iniciar o estudo de segmentação gramatical a partir da interação face a face pode parecer uma proposta pouco ou nada apropriada para linguistas que fazem uma cisão categórica entre “língua” e “fala” ou entre “competência” e “*performance*”, atribuindo à língua em uso uma natureza imprevisível e/ou até mesmo caótica<sup>3</sup>. Essa preocupação saussuriana – ou, talvez melhor, cartesiana – parece ter data, no entanto. Após o surgimento dos gravadores de áudio e vídeo, um número cada vez maior de pesquisas tem oferecido evidências de que a língua na interação espontânea é não apenas passível de uma análise rigorosa, mas também de grande interesse teórico<sup>4</sup>. Estudos com tal orientação têm revelado o fato de que a conversação, ao contrário do que se pensava, não é desordenada, mas apresenta uma grande sistematicidade e deve estar intimamente relacionada ao nosso conhecimento abstrato da língua.

Entre esses trabalhos, destaca-se o estudo sociológico seminal de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]) sobre o sistema de tomada de turnos na conversa espontânea e os demais trabalhos que têm constituído o campo da *análise da conversa* (AC)<sup>5</sup>. Desde esse trabalho pioneiro, o olhar sociológico e empirista sobre a gramática tem se mostrado uma proposta alternativa extremamente produtiva para o estudo das línguas naturais, o que se evidencia pelo número cada vez maior de trabalhos linguísticos no campo recentemente denominado *linguística interacional* (por exemplo, OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996; SELTING; COUPER-KUHLEN, 2001).

Vista a partir do olhar etnometodológico que a fundamenta, essa vertente trata a gramática como um sistema que, embora seja formal e altamente regulado, é sensível ao contexto, ao mesmo tempo estando disponível como recurso e sendo imposto como restrição para a realização de ações sociais (GARFINKEL; SACKS, 1970). É o que compreendemos a partir das palavras de Schegloff (1996, p. 56, tradução nossa) sobre a abordagem geral para o estudo da gramática na interação:

*A visão central [...] é a de que a gramática se apresente numa relação reflexiva com a organização de um pedaço de fala num turno. De um lado, as contingências organizacionais da fala em um turno [...] dão forma à gramática – tanto a gramática como uma organização formal, abstrata, quanto a gramática de um enunciado particular. De outro lado, a realização gramatical progressiva de um*

3 A própria expressão “língua em uso” reflete iconicamente a visão profundamente arraigada na linguística de “língua” como algo separado de, ou anterior ao “uso”. Em nossa visão, a *abordagem baseada-no-uso* busca justamente problematizar questões como: 1. em que medida os “língua” e “uso” podem ser distinguidos; 2. se é útil distingui-los, qual é a relação entre eles; bem como 3. quais são as implicações de 1. e 2. para o desenvolvimento de metodologias de estudo da linguagem humana.

4 Sintomaticamente, parte substancial das pesquisas que impulsionaram a descrição da língua na interação partiu do trabalho de estudiosos de outras ciências humanas, como a sociologia (GOFFMAN, 1961; SCHEGLOFF, 1968; GARFINKEL; SACKS, 1970) e a antropologia (GUMPERZ; HYMES, 1972), uma disciplina que já há muito tempo influenciava os rumos da linguística americana (SAPIR, 1921).

5 No Brasil, trabalhos voltados para o campo denominado “análise da conversação”, ou mesmo para o estudo da língua oral que surgiram na década de 1980, parecem perder – ou não compartilhar, como deixa claro Marcuschi (1986, p. 21) – a perspectiva etnometodológica da linha de pesquisa conhecida como *conversation analysis*, originada nos Estados Unidos. Por isso, nossa pesquisa está teórica e metodologicamente alinhada a trabalhos brasileiros mais recentes, desenvolvidos sob a área denominada “análise da conversa de base etnometodológica” (GAGO, 2002; GARCEZ, 2001; GARCEZ; LODER, 2005; LODER; GONZALEZ; GARCEZ, 2004).

*pedaço de fala, numa ocasião particular, pode afetar as exigências do turno como uma unidade de participação interacional nessa ocasião; e as propriedades gramaticais da língua podem contribuir para a organização dos turnos-na-fala nessa língua e do mecanismo de troca de turnos por meio do qual eles são realizados.*

Considerando essa relação reflexiva, proposta no campo da AC, entre a organização gramatical das línguas e a organização da conversação – relação também sugerida no estudo de Baker e Padden (1978) – a presente pesquisa buscou verificar de que maneira o conhecimento acumulado no âmbito da AC poderia contribuir para elucidar a questão da segmentação da libras a partir da análise de conversas entre surdos adultos fluentes.

Numa investigação anterior (McCLEARY; LEITE, 2013), demos início a essa abordagem metodológica investigando a questão da segmentação do discurso sinalizado num nível mais amplo, isto é, da conversa segmentada em termos de turnos-de-fala. Como resultado, pudemos demonstrar que uma proposta de segmentação da língua de sinais fundamentada teórica e metodologicamente nos *estudos de gestualidade* – em especial, no conceito de *fases do gesto* (KENDON, 1972; McNEILL, 1992; KITA; VAN GIJN; VAN DER HULST, 1998) – nos permite demonstrar que o princípio do um-de-cada-vez, proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), constitui uma norma também para a conversa cotidiana sinalizada. Os usuários das LSs apresentam tanta precisão e sofisticação na adoção de estratégias implícitas para o gerenciamento da troca-de-turnos quanto os usuários das LOs.

Na presente investigação, então, avançamos nessa trajetória abordando os turnos-de-fala com um olhar um pouco menos amplo, nos debruçando sobre alguns tipos de turnos complexos que envolvem necessariamente uma sequência de enunciados. Turnos complexos de especial interesse para nós são os que resultam de *práticas discursivas* – ou, nos termos de Schegloff (2002, p. 290), *atividades* ou *condutas estruturadas* – que contribuem para a organização da fala-na-interação, e sobre as quais já existe bastante conhecimento empírico acumulado. Essas práticas, por serem discursivas, são *sociais*, já que requerem a cooperação conjunta dos participantes para serem levados a cabo. Elas se desenvolvem como sequências ordenadas de pequenas ações que, em conjunto, compõem ações maiores, estabelecendo uma trajetória que envolve um início e um término reconhecíveis. Em termos mais linguísticos, essas práticas produzem trechos de discurso com reconhecível começo e fim, com reconhecível estrutura interna, e com reconhecível função<sup>6</sup>.

Um exemplo de tais práticas frequentemente encontradas na conversação são as pequenas narrativas, os casos, as piadas. Eles têm começo, meio e fim, e são reconhecidos como unidades com uma integridade interna (e transportáveis, pois você pode repetir uma narrativa em outro contexto). Na conversação, que é uma troca de falas entre pessoas, é importante que os participantes reconheçam que uma dessas práticas está em curso, para que seu autor tenha a chance de chegar até o final, sem que outra pessoa tome o turno.

6 Os resultados de tais “práticas”, dentro de uma visão da gramática baseada no uso (LANGACKER, 2001), não se diferem fundamentalmente de uma “unidade linguística” – exceto pelo nível de complexidade e, possivelmente por causa disso, uma maior suscetibilidade às contingências e ao dinamismo da interação. Para uma discussão crítica sobre o estatuto das “unidades” abordadas no campo da análise da conversa em relação ao estatuto das “unidades” linguísticas canônicas, ver os capítulos 3 e 4 de Leite (2008).

Dessa forma, essas condutas estruturadas exigem dos participantes uma orientação em direção ao todo (por exemplo, porque ele está me contando essa narrativa?) que, para ser adequadamente realizada, exige também uma orientação em direção a cada uma das partes que o compõem (por exemplo, qual a contribuição dessa unidade para a narrativa de modo geral?). O fato de essas práticas se manifestarem em várias línguas permite que, a partir da identificação de suas partes funcionais, descritas na literatura, possamos buscar as suas contrapartidas formais (isto é, os recursos por meio das quais tais partes se tornam identificáveis) numa língua ainda pouco conhecida como a libras.

## **A PRÁTICA DE LISTAGEM**

Mas qual prática discursiva escolher para análise? A narrativa é frequente, mas pode ser de extrema complexidade interna. A piada tem características de narrativa, com a desvantagem de não ser tão comum. Optamos por uma prática discursiva corriqueira que é, ao mesmo tempo, de complexidade reduzida e de bastante frequência, além de apresentar um grande potencial universal: a listagem. Tal prática tem como objetivo elaborar uma lista de itens: no mínimo dois, mais comumente três, com a possibilidade de incluir mais.

A prática de listagem tem sido relativamente bem investigada nas LOs, inclusive em línguas historicamente não relacionadas (por exemplo, JEFFERSON, 1990; LERNER, 1994; e SCHIFFRIN, 1994, para o inglês; JOHNSTONE, 1983, para o árabe; SÁNCHEZ-AYALA, 2003, para um contraste entre o inglês e o espanhol; SELTING, 2003, para o alemão; TAO, 1996, para o mandarim). Tais estudos mostram que a listagem envolve recursos lexicais, sintáticos e prosódicos que, de forma combinada, permitem o reconhecimento das diferentes partes que compõem uma lista – ou, nos termos do presente trabalho, servem como indicadores para a delimitação das unidades gramaticais básicas do discurso. Assim, um contraste entre o modo como essa prática é estruturada nas LOs e o modo como ela é estruturada na libras pode trazer evidências de quais seriam os recursos que a libras utiliza para a organização interna dessa prática.

Então, como é que as listas são organizadas na LOs? Selting (2003) faz uma síntese da literatura sobre o tema, buscando conciliar os estudos do discurso espontâneo sobre listagens no campo da AC com os estudos laboratoriais da prosódia. A autora mostra que, no que concerne à abordagem da AC (por exemplo, JEFFERSON, 1990; LERNER, 1994), os trabalhos sobre listagens têm se concentrado na estrutura sequencial dessas práticas, a qual os interlocutores se orientam, entre outras coisas, para o gerenciamento da troca de turnos. Diferentemente, os estudos laboratoriais da prosódia, por meio de experimentações e análises acústicas, têm se concentrado na distinção entre diferentes tipos de listas (isto é, aquelas com um número fechado de itens e aquelas sem um número de itens predefinido) a partir dos diferentes padrões entoacionais empregados. Conciliando as duas propostas, Selting buscou investigar, sob o viés teórico da AC, de que maneira os recursos prosódicos – além dos recursos lexicais e sequenciais tradicionalmente abordados nesse campo – contribuiriam interacionalmente para a realização dessa prática em conversas espontâneas.

Selting mostra que a prosódia, de fato, desempenha um papel central na prática da listagem, funcionando, isoladamente ou com outros recursos, na indicação de aspectos relevantes à dinâmica interacional, tais como: 1. o fato de

uma lista ter sido iniciada; 2. o tipo de lista em curso (isto é, se é uma lista fechada ou aberta); e 3. o estatuto de uma dada unidade no corpo da lista (isto é, se é um item listado ou uma digressão<sup>7</sup>; e se é um item não final ou final). Dialogando diretamente com os estudos da AC, Selting demonstra que a análise da listagem, quando restrita a dimensão sequencial do discurso e sem a devida consideração da prosódia, pode resultar em interpretações equivocadas.

Como exemplo, podemos citar o trabalho interacional de “tornar reconhecível o fato de que uma lista foi iniciada”. Para Lerner (1994), essa possibilidade de reconhecimento se dá em termos puramente sequenciais, pois é a ocorrência do *segundo* item das listas – normalmente apresentando uma forma sintática paralela à *primeira* – que, de maneira simultaneamente retrospectiva e prospectiva, sinaliza aos demais participantes que uma lista está em curso. Selting (2003), no entanto, demonstra que, por meio da entoação, o primeiro item de uma lista já pode se tornar reconhecível como um item de listagem. A grande mensagem da pesquisa de Selting (2003), a nosso ver, é a de que precisamos *ampliar* o olhar analítico de modo a considerar de que modo os diferentes recursos segmentais e suprasegmentais se combinam para a estruturação das listagens, como forma de melhor darmos conta desse fenômeno empírico.

No que diz respeito à estrutura sequencial das listas, Selting (2003) destaca ainda que as listas em si (isto é, a enumeração dos itens), regularmente se inserem dentro de uma estrutura mais ampla, que envolve um componente que projeta a listagem (por exemplo, uma expressão catafórica ou uma formulação genérica a qual a lista irá detalhar: “*Isso tudo* tem que mudar: professores, alunos, funcionários!”) e um fechamento gestáltico, que frequentemente retoma o componente genérico inicial (por exemplo, muitas vezes realizado por meio dos chamados *finalizadores*: “*Toda a universidade!*”). A autora mostra que esses dois componentes, que permitem um encaixamento mais coeso da listagem no contexto conversacional, não são, contudo, obrigatórios.

Já mencionamos que as listas podem ser do tipo fechadas ou abertas, o que envolve critérios formais de classificação do fenômeno. Outro tipo de classificação é aquele proposto por Sánchez-Ayala (2003), em termos de função, segundo o qual as listas podem ser do tipo *contextualizadora* ou *demonstrativas*. A primeira função, a de *contextualização*, serve para estabelecer uma base de conhecimento comum (*common ground*) entre os interlocutores, antes de dar continuidade a uma atividade maior. Essas, Sánchez-Ayala (2003) chama “listas de enquadramento” (*framing lists*). A segunda função, a de *demonstração*, serve para oferecer evidências para um argumento por meio de uma exposição detalhada. Essas, Sánchez-Ayala (2003) chama “listas demonstrativas” (*demonstrative lists*). Essa diferença funcional se reflete interacionalmente no fato de que os receptores de uma lista em curso, no caso das listas de enquadramento, reagem sistematicamente *ao longo de* seu curso com sinais de acompanhamento (por exemplo, continuadores como “ã-hã”), enquanto, no caso das listas demonstrativas, a reação regularmente aparece apenas *ao término da* prática.

Com esse conhecimento sobre a prática de listagem em LOs, pudemos dispor de um ponto de referência para a análise da listagem na libras e, uma vez identificadas ocorrências dessa prática no *corpus*, pudemos então nos debruçar so-

7 Por “digressão”, nos referimos a qualquer elaboração linguística que, embora incluída no corpo de uma dada lista, não constitui em si um item listado. Numa das ocorrências do *corpus* que será estudada, por exemplo, após descrever o segundo item de uma lista, realizando o sinal pessoal de um aluno surdo, o sinalizador faz uma “digressão” da prática da listagem para explicitar o nome em português desse aluno. “Digressão”, no sentido que está sendo aqui utilizado, portanto, não deve ser entendido como uma “fuga do tema”, mas sim como outra prática formal, neste caso com função de suspensão temporária da listagem.

bre os objetivos específicos da pesquisa, dentro do contexto da presente abordagem metodológica: 1. verificar se a prática de listagem nas LSs apresenta as mesmas funções identificadas nas LOs (isto é, contextualização e demonstração); 2. descrever os recursos formais por meio dos quais um sinalizador mostra ao seu interlocutor qual é o tipo de lista em curso (isto é, aberta ou fechada), e, mais especificamente, como ele mostra que uma lista foi iniciada, está em curso, e foi encerrada; e, por fim, 3. descrever os recursos formais por meio dos quais o sinalizador mostra o estatuto dos diferentes elementos internos à lista (isto é, como itens listados ou como digressão). Como corolário direto dessa descrição, estaremos alcançando o objetivo geral da pesquisa, que consiste em identificar os recursos por meio dos quais os participantes surdos segmentam o seu discurso em unidades básicas.

Como ressalva, cabe salientar que o fato de os recursos formais relevantes à estruturação da listagem, nas LOs, serem tratados como “lexicais”, “sintáticos” ou “prosódicos” nos estudos tradicionais não implica que são esses mesmos recursos que devemos procurar, ou esperemos achar, na libras, embora possamos deixar esses construtos teóricos dar-nos pistas para as categorias a serem procuradas.

Recursos “lexicais” sugerem fortemente o equivalente mais óbvio nas LSs: os sinais manuais. No entanto, mesmo considerando os sinais manuais, existem atividades das mãos que fogem do protótipo de um “recurso lexical”, por serem pouco ou quase nada convencionalizadas, ou possivelmente híbridas entre itens lexicais e gestos (ver, por exemplo, LIDDELL, 2003; e, para uma discussão geral da complexidade do “lêxico” da libras, ver McCLEARY; VIOTTI, 2011). Assim, quando nos referimos a “sinais” no contexto do vocabulário das línguas de sinais, estamos *em geral* operando com um conceito de mesmo estatuto em relação a uma “palavra” nas LOs, embora vejamos algumas diferenças fundamentais entre “sinais” e “palavras” em decorrência da possibilidade de exploração das dimensões gestuais e visuais da significação com as mãos e braços, comparativamente ao uso do trato vocal.

Além dessas questões em aberto sobre os sinais manuais, existem os chamados “sinais não manuais”, a maioria dos quais também não se comporta como itens lexicais típicos das LSs. A maioria, de fato, se confunde com usos do corpo, da cabeça, dos olhos e da expressão facial que também são encontrados na gestualidade que acompanha a fala nas LOs, ainda que nas LSs eles apareçam de uma forma muito mais estilizada. Esses, vamos distinguir da categoria “lêxico”, chamando simplesmente de “recursos não manuais”, entendendo que pode existir neles um forte componente gradiente e gestual. Como o uso desses recursos compara com o uso da gestualidade nas LOs é uma questão ainda em aberto, já que tradicionalmente eles têm sido ignorados nos estudos das LOs, mesmo nos estudos de língua em uso e nos estudos da interação. Respostas a essas questões aguardam o desenvolvimento da nova área de pesquisa, “estudos da gestualidade”<sup>8</sup>.

No que diz respeito aos “recursos sintáticos”, somos obrigados a mudar o foco dessa questão justamente porque *descobrir as unidades gramaticais* é o objetivo central da pesquisa. Iniciamos este estudo por falta de conhecimento empírico sobre o que constitui um elemento sintático nas línguas de sinais. O que podemos procurar, no entanto, são recorrências e paralelismos de sequências de sinais.

8 Investigações iniciais da prática de listagem que levam em conta a gestualidade em línguas tais como o português e o inglês revelam que os movimentos corporais identificados na libras também estão presentes no discurso das línguas orais, acompanhando os padrões prosódicos típicos das listagens nessas línguas (LEITE, 2012). As descrições iniciais sugerem que esses elementos visuais estão intimamente relacionados aos elementos sonoros que caracterizam a prosódia nas LOs, o que fortalece a hipótese de Bolinger (1983) de que a prosódia é parte de um complexo gestual que inclui o olhar, as expressões faciais, os movimentos de cabeça e tronco, dentre os demais articuladores corporais. Esse assunto será brevemente retomado na conclusão.

Finalmente, no que diz respeito à “prosódia”, também existe polêmica sobre o que seria o equivalente nas LSs. Alguns estudiosos atribuem um papel prosódico às atividades dos articuladores não manuais, como posições da cabeça, olhares, e expressões faciais – como, ainda que articulado de maneira não muito explícita, o próprio trabalho anterior do primeiro autor sugere (LEITE, 2008). Para nossos fins, vamos adotar uma visão de prosódia mais conservadora. Da mesma forma que a prosódia nas LOs não é produzida por articuladores independentemente da fala, mas envolve modulações gradientes sobre unidades discretas da fala, vamos procurar, na libras, modificações (de intensidade, de tamanho, de velocidade, de número de repetições) que são impostas sobre os sinais pelos próprios articuladores manuais. Na conclusão, então, voltaremos a abordar o estatuto desses recursos e as possíveis implicações dos achados para o estudo das listagens nas línguas naturais.

## O CORPUS

Para a obtenção de dados provenientes do discurso espontâneo, três surdos adultos, fluentes em libras, foram convidados a participar do estudo<sup>9</sup>. Os participantes se revezaram em três duplas, que foram deixadas a sós por 20 minutos num estúdio de gravação para conversar sem nenhum tópico previamente definido. Dentre elas, duas duplas eram compostas por amigos que já se conheciam há anos, ao passo que uma era formada por conhecidos com pouca intimidade. Aos participantes foi informado apenas que a pesquisa era sobre o uso espontâneo da libras entre surdos.

No estúdio, cinco câmeras haviam sido previamente preparadas de modo a captar diferentes tomadas dos participantes: duas câmeras posicionadas para captação do espaço de sinalização referente a cada participante; duas câmeras posicionadas para captação do rosto de cada participante; e uma câmera para captação da ação conjunta dos dois participantes em perfil<sup>10</sup>.

Um recorte foi então feito no *corpus* em busca de ocorrências de listagens na libras, utilizando como ponto de referência geral tanto o conhecimento intuitivo da libras por parte do primeiro autor, usuário da língua, quanto os aspectos formais e funcionais globais das listagens estudados nas LOs (isto é, enumeração de itens, recorrências e paralelismos, no plano formal; contextualização e demonstração, no plano funcional). Com base nesses critérios, treze listas foram identificadas, dentre as quais duas foram selecionadas para uma transcrição pormenorizada por se mostrarem particularmente esclarecedoras das questões de análise que o presente trabalho busca responder.

Para a análise dos dados, as gravações foram convertidas em arquivos de vídeo e posteriormente transcritas com o software ELAN (Eudico Language Annotator), desenvolvido pelo Max Planck Institute of Psycholinguistics<sup>11</sup>. A estrutura do ar-

9 Gostaríamos de agradecer aos três participantes surdos, Regiane Pinheiro Agrella, Wilson Santos Silva e Sandro dos Santos Pereira o apoio ao desenvolvimento desta pesquisa. Referência aos participantes serão feitas pelo uso da inicial de seus nomes (R, W e S). Outros nomes particulares que aparecem nas conversas gravadas foram substituídos por nomes fictícios. Gostaríamos também de agradecer à equipe do estúdio do Centro de Computação Eletrônica (CCE), da Universidade de São Paulo, pelo apoio técnico na realização e na disponibilização das filmagens.

10 As condições de gravação, bem como o fato de a conversa ter sido requisitada pelo pesquisador, obviamente contribuem para uma diminuição da espontaneidade do discurso produzido, razão pela qual dados provenientes dessa metodologia tendem a ser chamados de dados *semi* ou *quase-espontâneos*. Tal metodologia fez-se necessária, porém, para que os dados obtidos tivessem qualidade suficiente para permitir uma descrição pormenorizada dos diferentes articuladores manuais e não manuais da libras.

11 O ELAN é um programa de transcrição especialmente apropriado a este tipo de pesquisa por permitir a sincronização do vídeo com as transcrições – preservando a temporalidade dos dados transcritos – e por permitir ao pesquisador operar com até quatro imagens de vídeo simultaneamente. O programa pode ser acessado gratuitamente em <<http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>>.

quivo de transcrição do ELAN foi basicamente a mesma que foi elaborada pelo grupo Estudos da Comunidade Surda, da Universidade de São Paulo, a partir de uma experiência-piloto de transcrição de uma narrativa dentro do projeto de formação de *corpus* da libras (McCLEARY; VIOTTI, 2007). Nessa experiência-piloto, porém, a anotação foi feita manualmente, com editor de texto comum, de modo que coube ao primeiro autor deste texto adaptar esse sistema à estrutura do ELAN. O programa permite que trilhas (*tiers*) sejam utilizadas para anotação dos diferentes articuladores corporais (por exemplo, cabeça, olhar, tronco; como mostra a parte de baixo da Figura 1) e o anotador tem a opção de visualizar e trabalhar apenas com aquelas que sejam de seu interesse imediato a cada momento<sup>12</sup>.



**Figura 1** – A tela de transcrição do ELAN, com o vídeo dos participantes acima e as trilhas de transcrição aparecendo abaixo de forma sincronizada ao vídeo

Seguindo a proposta de Leite (2008), a presente análise explora diversos recursos para a apresentação dos dados, dependendo do aspecto que se mostra mais relevante para a análise: 1. transcrições textuais em forma de “pauta” (ilustradas nas Figura 2), que permitem uma visão mais global e sintética dos diferentes recursos formais atuantes no nível frasal; 2. fotos com imagens dos participantes surdos, que permitem visualizar diretamente os recursos formais tal como foram empregados; e 3. imagens capturadas da tela do ELAN contendo trechos de transcrição, que permitem visualizar a temporalidade da produção.

12 Posteriormente as modificações no sistema de transcrição, visando à adaptação ao ELAN, foram publicados em McCleary, Viotti e Leite (2010).

<table border="1" style="width: 100%;"> <tr><td style="text-align: center;">v</td></tr> <tr><td style="text-align: center;">-----</td></tr> </table> <p>4. RELAÇÃO IMPORTANTE</p> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr><td style="text-align: center;">(A) relação (é) importante</td></tr> </table> <p><b>a. Articuladores não manuais transcritos acima da linha das glosas</b></p>	v	-----	(A) relação (é) importante	<p>6. ESS@ &gt;&gt;MULHER&lt;&lt; &gt;&gt;OUVINTE&lt;&lt;</p> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr><td style="text-align: center;">me BOIA-4. -----</td></tr> <tr><td style="text-align: center;">Quarto (uma) mulher ouvinte</td></tr> </table> <p><b>b. Sinais manuais concomitantes transcritos na linha cinza abaixo das glosas</b></p>	me BOIA-4. -----	Quarto (uma) mulher ouvinte
v						
-----						
(A) relação (é) importante						
me BOIA-4. -----						
Quarto (uma) mulher ouvinte						

**Figura 2** – Exemplos do sistema de transcrição adotado

Os detalhes das convenções adotadas na pauta de transcrição serão mencionados quando necessário à discussão dos dados. Cabe aqui apenas destacar alguns critérios mais gerais: 1. cada unidade básica do discurso é apresentada separadamente, com uma numeração; 2. no centro da pauta estão as glosas referentes aos sinais manuais; 3. acima delas, opcionalmente, são apresentadas duas linhas com notações referentes a aspectos não-manuais da sinalização (no caso da Figura 2a, movimentos da cabeça, representados por “v”, e do olhar, representados por “|...”); e 4. abaixo delas, nos exemplos usados aqui, uma tradução para o português, mantendo-se entre parênteses elementos ausentes na sinalização que se fazem necessários à gramática do português; e, em alguns casos, uma outra linha acinzentada para representar um sinal mantido simultaneamente pela mão passiva, como mostra a Figura 2b<sup>13</sup>.

### **ANÁLISE: FUNÇÃO E FORMA DE UMA LISTA NA LIBRAS**

Selecionamos uma lista produzida por W como principal objeto de descrição pelo fato de ser não apenas mais elaborada do ponto de vista formal, mas também por apresentar uma digressão e uma outra lista interna à lista principal, que nos permitirão explorar com maior riqueza os diferentes recursos potenciais que podem ser empregados na estruturação de listas na libras – e, conseqüentemente, na segmentação do discurso sinalizado em unidades básicas. Essa análise será suplementada pela análise de uma segunda lista produzida por S, e dados relativos às outras doze listas serão trazidos de modo a buscar uma maior generalização das análises.

A passagem a seguir traz uma *tradução* da lista de W, destacada pelas setas à esquerda, dentro do contexto interacional mais amplo no qual ela se insere<sup>14</sup>. O contexto trata de uma avaliação de física que envolvia a apresentação de W perante a turma e as suas dificuldades com essa apresentação. W afirma “Eu ia ser avaliada=”, e em seguida produz uma lista que aparentemente “repara” a referência dessa frase à primeira pessoa, para incluir o fato de que a avaliação envolvia todo um grupo de alunos.

- 1 (W) (O professor) me falou que hoje eu ia vir explicar para a classe.
- 2 (W) “Um trabalho?”
- 3 (W) “Qual o tema?”

<sup>13</sup> Para uma descrição completa desse sistema de transcrição, ver McCleary e Viotti (2007).

<sup>14</sup> Tendo em vista a dificuldade de se escrever ou transcrever o discurso em libras, optamos, diante da necessidade de reproduzir excertos de discurso maiores, por trazer aqui uma tradução do trecho relevante a fim de facilitar a discussão. Algumas observações sobre a tradução apresentada são: 1. a fala de R aparece deslocada à direita para facilitar a sua visualização; 2. as aspas, nas unidades 2 a 4, referem-se a discurso direto na fala de W; 3. os parênteses duplos trazem comentários sobre aspectos do contexto considerados relevantes; 4. o sinal “=” indica uma interrupção abrupta da fala.

- 4 (W) “Física.”  
 5 (R) Explicar o que?  
 ((segue uma breve troca em que W soletra à sua interlocutora a palavra FÍSICA, cujo sinal era desconhecido por ela))  
 6 (W) Eu ia explicar. ((W coça a cabeça num gesto comum de “dificuldade”))  
 7 (W) A leitura era difícil,  
 8 (W) Era complicado.  
 9 (R) Você ia explicar para o professor?  
 10 (W) É!  
 11 (W) Eu ia ser avaliada=  
 → 12 (W) Primeiro eu,  
 → 13 (W) Segundo o LUIS,<sup>15</sup>  
 → 14 (W) O cara chamado Luis,  
 → 15 (W) Tinha esses dois e o terceiro era uma mulher ouvinte,  
 → 16 (W) Quarto era uma mulher ouvinte,  
 17 (W) Era o grupo.  
 18 (W) Eu vinha explicar o tema “física”.  
 19 (W) Eu... ((W coça a cabeça novamente))  
 20 (W) Eu não conhecia aquelas palavras de significado difícil.

O primeiro objetivo a ser considerado refere-se à *função* que a listagem na líbras desempenha em seu contexto interacional, e de que modo essa função se reflete na dinâmica da interação<sup>16</sup>. Analisando o papel da lista de W nesse contexto, constatamos que se trata de uma lista contextualizadora: a fim de reportar a experiência da avaliação no curso de física, W apresenta a R o contexto mais geral da avaliação, que envolvia um grupo de alunos além dele próprio. R então reage a essa lista contextualizadora por meio de breves e repetidos acenos de cabeça que acompanham todo o processo de enumeração dos itens da lista<sup>17</sup> – continuando com os acenos inclusive após o encerramento da lista, quando W retoma a atividade maior de reportar a sua experiência de apresentação de um trabalho de física. Essa forma de reação de R à lista de W corrobora a proposta de Sánchez-Ayala (2003) de que a função contextualizadora da listagem se reflete interacionalmente por meio de respostas do interlocutor *ao longo da lista*, e não ao seu término.

Passamos então ao nosso segundo objetivo específico: descrever os recursos formais que o participante surdo utiliza para indicar ao interlocutor que tipo de lista está sendo produzida (isto é, fechada ou aberta), e de que maneira ele indi-

15 A glosa LUIS, destacada com maiúsculas, refere-se ao sinal pessoal do colega de W na líbras, diferentemente da datilologia (L-U-I-5) do nome “Luis” em português, que W produz na linha 14.

16 Como uma observação geral, destacamos que seis das treze listas identificadas nas conversas do *corpus* se mostraram relacionadas à função de *contextualização*, de estabelecer uma base de conhecimento comum entre os interlocutores; as outras sete se mostraram relacionadas à segunda função, de demonstração, servindo de suporte a um ponto de vista em contextos argumentativos. Ainda assim, cabe salientar que essa proposta não nos parece tão simples quanto Sánchez-Ayala (2003) sugere. Por exemplo, numa das conversas, um dos participantes fala ao seu interlocutor sobre os vários anos de experiência com o ensino da líbras. Num dado momento, ele fala sobre uma palestra que irá ministrar sobre a líbras, e produz uma lista detalhando os diferentes tipos de público que estarão presentes, finalizando com algo que poderia ser traduzido como: “Vai ter muitas pessoas!”. Nesse contexto, a lista produzida poderia ser interpretada de duas maneiras: de um ponto de vista de linguagem como “comunicação”, como uma apresentação de informações contextuais sobre a palestra; mas, de um ponto de vista de linguagem como “ação social”, como um ato de “contar vantagem”. Nesse sentido, a própria contextualização estaria a serviço de uma função social mais pertinente aos propósitos práticos dos participantes. Para os fins da presente pesquisa, contudo, vamos nos ater à proposta de Sánchez-Ayala (2003), reservando para um momento futuro uma análise pormenorizada sobre os diferentes usos sociais das listagens na líbras.

17 À primeira vista, poderíamos pensar que esses acenos deveriam ser considerados um possível equivalente dos *sinais de acompanhamento* ou de *continuadores* na língua oral – tais como “ã-hã”, “tã”, dentre outros. Contudo, cabe destacar dois aspectos que sugerem cautela nessa identificação. Primeiro, os próprios recursos vocais empregados nas línguas orais são frequentemente acompanhados desses mesmos acenos de cabeça, que no entanto costumam passar despercebidos nas análises tradicionais, pautadas exclusivamente no aspecto sonoro da interação oral. Segundo, a sutileza e a repetição contínua dos acenos de R – que se reflete numa grande dificuldade metodológica de transcrevê-los com qualquer discrição, ou até mesmo representá-los nesta análise por meio de imagens – sugere que tais acenos, nesse contexto, tenham antes um estatuto gestual e gradiente, e não desempenhem a mesma função de recursos vocais discretos, como os sinais de acompanhamento e continuadores, cuja alocação num dado ponto do turno-em-curso é motivada pela sequência de fala imediata.

ca que essa lista foi iniciada, está em curso, e foi finalizada. Para essa discussão, torna-se relevante observar mais detidamente a forma como W produziu a lista, o que pode ser feito analisando-se a Figura 3:

 <p>1.        Eu                    AVALIA=  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Eu (ia ser) avaliad=</span></p>	 <p>2.        ESS@                    MIM  <span style="background-color: #f0f0f0; border: 1px solid black; padding: 2px;">me BOIA-1 .....</span>  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Primeiro eu</span></p>
 <p>3.        ESS@                    LUIS: :  <span style="background-color: #f0f0f0; border: 1px solid black; padding: 2px;">me BOIA-2 .....</span>  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Segundo (o) LUIS</span></p>	 <p>4.        &gt;&gt;HOMEM&lt;&lt;   &gt;&gt;NOME&lt;&lt;   L-U-I-S  <span style="background-color: #f0f0f0; border: 1px solid black; padding: 2px;">me BOIA-2 .....</span>  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">(O) cara chamado Luis</span></p>
 <p style="text-align: center;">V                    V                    V</p> <p>5.        ESS@                    ESS@                    +ESS@+        &gt;&gt;MULHER&lt;&lt; &gt;&gt;OUVINTE&lt;&lt;  <span style="background-color: #f0f0f0; border: 1px solid black; padding: 2px;">me BOIA-2 ..... BOIA-1 ..... BOIA-3 .....</span>  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">(Tinha) esse (segundo), esse (primeiro) (e o) terceiro (era uma) mulher ouvinte</span></p>	
 <p>6.        ESS@                    &gt;&gt;MULHER&lt;&lt;   &gt;&gt;OUVINTE&lt;&lt;  <span style="background-color: #f0f0f0; border: 1px solid black; padding: 2px;">me BOIA-4 .....</span>  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Quarto (uma) mulher ouvinte</span></p>	 <p>7.        GRUPO: :  <span style="border: 1px solid black; padding: 2px;">(Era o) grupo</span></p>

**Figura 3** – Instância de lista fechada na libras

No caso dessa lista, tanto a sua forma quanto a sua semântica nos permitem categorizá-la como uma *lista fechada*, que Selting (2003, p. 24, tradução nossa) define como “aquelas cujo formato da listagem sugere que a lista seja constituída de um número finito de itens”. Na lista de W, o recurso formal que sugere esse número finito de itens é a boia de listagem<sup>18</sup>, que aparece pela primeira vez na pauta 2 de transcrição e que permanece suspensa no ar até o término da lista, na pauta 6, ainda que mude de configuração no decorrer da listagem. Embora a configuração inicial da boia de listagem não nos permita estimar exatamente quantos itens serão listados, o caráter finito dos dedos da mão iconicamente restringe a possibilidade de listagem a um número finito de itens<sup>19</sup>.

As observações acima já respondem parcialmente à próxima questão que nos interessa, pois é a própria boia de listagem que, nesse caso, indica que uma lista foi iniciada e que está em curso, da mesma maneira que a sua retirada de cena, na pauta 7, indica que a lista foi finalizada. Assim, podemos passar ao nosso último objetivo específico, que envolve a descrição dos recursos formais por meio dos quais o sinalizador indica o estatuto dos diferentes elementos internos à lista – se são itens listados ou digressões – ponto em que a análise se torna mais microscópica a fim de dar conta da complexa estrutura interna dessa listagem.

Ao investigar os recursos formais que W utiliza para indicar o estatuto dos elementos internos à lista como itens listados, além da boia de listagem – que é acompanhada sempre pelo sinal ESS@, apontando para o item da boia relevante a cada momento –, um paralelismo persistente pode também ser observado: a alternância do olhar entre a boia de listagem e o interlocutor. Como mostra o Quadro 1 – no qual o olhar para a boia aparece representado pelo sombreamento e o olhar para o interlocutor, pela ausência de sombreamento – W intercala esses dois olhares distintos durante a sinalização de maneira bastante consistente, produzindo um claro padrão de paralelismo.

### Quadro 1 – Paralelismo do direcionamento do olhar na listagem em Libras

Item Enumerado	Detalhamento
ESS@(1)	MIM
ESS@(2)	LUIS HOMEM NOME L-U-I-S
ESS@(2) ESS@(1) ESS@(3)	MULHER OUVINTE
ESS@(4)	MULHER OUVINTE

18 Boias nas LSs (LIDDELL, 2003) são sinais produzidos com a mão passiva que são mantidos parados no ar, numa dada configuração, enquanto a mão ativa continua a produzir outros sinais. As boias de listagem constituem apenas um dos vários tipos de boias existentes nessas línguas.

19 Em sua pesquisa, Selting não menciona boias de listagem, pois, assim como a grande maioria dos pesquisadores no campo da análise da conversa, a pesquisadora apoia-se exclusivamente em dados sonoros. Apesar disso, em sua conclusão sobre as listas fechadas, Selting afirma que “nós podemos hipotetizar que haja uma tendência para as listas produzidas dentro de sentenças, orações, ou outras construções projetadas, de serem formatadas como listas fechadas” (tradução e ênfase nossas). Em suporte à essa hipótese, propomos que a boia de listagem seja precisamente um outro tipo de “construção projetada” que tende – ainda que não determine! – a formatação da listagem como lista fechada, um aspecto que pode ser explorado inclusive por meio da observação do emprego de boias de listagem nas próprias línguas orais, desde que os aspectos visuais da produção sejam devidamente considerados.

Esse padrão do olhar alternante entre a boia e o interlocutor acompanha o paralelismo sintático de cada um dos itens enumerados<sup>20</sup>. Duas instâncias fogem a esse padrão: em primeiro lugar, durante a sinalização de MIM, o olhar de W não retorna a R, permanecendo voltado para as mãos; em segundo lugar, em meio à datilologia de “Luis”, o olhar se desvia brevemente para as mãos e, em seguida, retorna a R.

No primeiro caso, relativo ao sinal MIM, é difícil dizer com segurança – no atual estágio de investigação da libras – por que razão W manteve o olhar para as mãos (pauta 2, Figura 3). Todas as outras instâncias de listas do *corpus* que contêm boas revelam o direcionamento do olhar para o interlocutor quando o conteúdo das enumerações é descrito. Uma possível razão para essa ausência de contato visual é o fato de o sinal MIM, em questão, fazer referência a um elemento pressuposto (W já havia dito “Eu ia ser avali-” antes de iniciar a lista), isto é, um elemento que podia ser mencionado sem um monitoramento da reação de R por parte de W. Nesse aspecto, porém, a análise de um *corpus* mais abrangente se torna necessária para a postulação de uma hipótese menos especulativa.

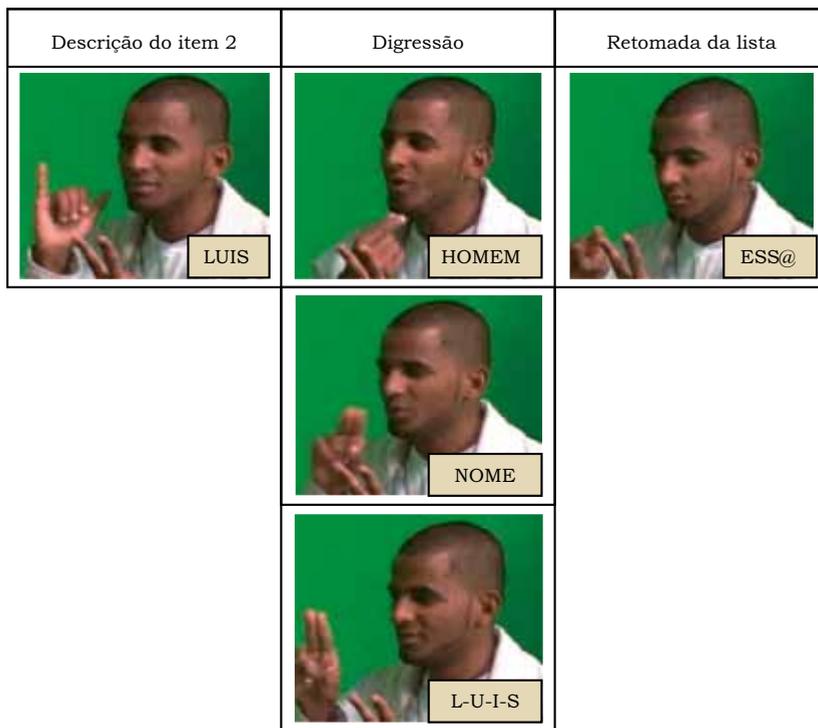
A segunda exceção ao padrão de paralelismo gestual de W na construção de sua listagem é o breve desvio do olhar durante a datilologia de “Luis” (pauta 4, Figura 3). Considerando-se que esse desvio é bastante comum nas soletrações manuais, tal fenômeno poderia ser considerado como parte convencional dessa prática nas LS, embora ainda necessitemos de uma investigação específica sobre esse tipo de produção para fazer tal afirmação com segurança. A nosso ver, esse breve deslocamento do olhar do interlocutor para as mãos, no contexto das soletrações manuais, teria como função direcionar a atenção do interlocutor para uma expressão particularmente relevante do discurso, conferindo-lhe uma maior saliência<sup>21</sup>.

Enquanto o paralelismo do olhar – combinado com o uso da boia de listagem e com o apontamento à boia por meio do sinal ESS@ – nos permite a identificação dos *itens listados*, tal recurso não nos permite identificar uma *digressão* nessa lista de W. O recurso mobilizado para fazer isso é outro: a expressão facial. Como podemos depreender do Quadro 1, o detalhamento do segundo item da lista de W concatena informações que levantam questões sobre o seu estatuto como constituintes de uma unidade simples (LUIS HOMEM NOME L-U-I-S).

Ao observar a dinâmica da expressão facial nesse trecho, então, notamos que a frase “HOMEM NOME L-U-I-S” (pauta 4, Figura 3) é acompanhada pela combinação de olhos semicerrados e bochechas contraídas, formando um leve sorriso. Além disso, notamos que a expressão perdura pelo tempo exato que W leva para produzir esse segmento, como ressalta a Figura 4.

20 Gostaríamos de tecer uma breve consideração a respeito da iconicidade dos gestos identificados e da sua possível relação com a escolha de determinados recursos gramaticais na construção das listagens em libras. Em uma das listas produzidas, S, por meio do discurso direto, assume a voz de um empregador numa entrevista de emprego da qual ele próprio participou como candidato – e que ele agora reporta a W. No espaço da narrativa, então, o personagem-empregador produz um gesto com sua mão esquerda para representar o *curriculum vitae* do personagem-candidato (mantendo a mão com palma aberta erguida próxima ao rosto), e vai enumerando cada item, um a um, como se acompanhasse os itens “em voz alta” junto ao candidato. Esse procedimento se desenvolve de maneira bastante similar à lista produzida por W, analisada na Figura 3: S alterna o olhar sistematicamente, primeiro para a mão esquerda, onde está o currículo, e em seguida para o interlocutor a sua frente na conversa. O paralelo formal entre a ação de “ler uma lista em voz alta para alguém” e a ação de “produzir uma lista numa interação em libras” salta aos olhos – a lista de S se situando num limiar entre a ação concreta e a ação reportada. Recuperando a lista de W, é como se ele, ao olhar para a mão erguida a sua frente (agora em forma de boia), estivesse visualizando a lista propriamente dita e, ao olhar para sua interlocutora, R, reportasse o conteúdo de seus itens recém averiguados.

21 A datilologia envolve a produção de gestos sutis com os dedos de forma bastante dinâmica e, não por acaso, constitui-se num dos aspectos das línguas de sinais mais difíceis de serem dominados por falantes de línguas de sinais como segunda língua (LEITE; McCLEARY, 2008). Nossa hipótese é a de que essa complexidade de expressão e apreensão da datilologia, particularmente nos contextos em que a palavra soletrada dificilmente pode ser inferida pelo contexto, deve mobilizar recursos formais de salientação, tal como o desvio do olhar descrito na lista de W.



**Figura 4** – Expressão facial delimitando unidade na listagem em libras

O conteúdo segmental que essa expressão facial agrupa não é interpretado como um elemento novo, listado por W. Trata-se de uma digressão que W efetuou de modo a explicitar para a sua interlocutora, por meio da datilologia, a quem ele se referia ao empregar o sinal LUIS (cf. a primeira imagem à esquerda da Figura 4), o nome em libras de um dos membros do grupo<sup>22</sup>. Assim, ao agrupar esse conteúdo específico, a expressão facial funciona, entre outras coisas, como um gesto coeso que delimita uma breve digressão em relação aos itens listados, permitindo uma elaboração de W sobre o item previamente enumerado.

**CORROBORANDO E EXPANDINDO A ANÁLISE**

A análise até então já nos permitiu responder parcialmente aos três objetivos específicos da pesquisa, bem como alcançar uma proposta de segmentação completa, e plausível, da estrutura interna dessa lista. Porém, até agora não exploramos nenhum recurso formal de natureza prosódica, e, pelo menos nas LOs, é a prosódia – particularmente, a entoação – o principal recurso delimitador de enunciados ou unidades básicas do discurso (CHAFE, 1980; LANGACKER, 2001; TOMASELLO, 2000). Assim, um aspecto importante para corroborar a segmentação gramatical da lista de W aqui proposta é a análise da modulação dos sinais manuais ao longo da listagem.

<sup>22</sup> De fato, tal expressão é idêntica à que Sandler e Lillo-Martín (2001, p. 10) reportam como a expressão que veicula uma “informação assumida como compartilhada” na língua de sinais israelense, ISL.

Em particular, os estudos voltados ao uso da prosódia na fala-em-interação nas LOs mostram que pistas fonéticas relativas ao ritmo da produção podem servir como evidência para os limites de unidades gramaticais: fenômenos relativos a uma maior condensação fonética (por exemplo, elisão, redução, assimilação) indicam maior coesão interna do respectivo trecho da fala, ao passo que fenômenos como o alongamento final indicam regiões em que a coesão é atenuada, ou seja, onde fronteiras entre unidades são indicadas (LOCAL; KELLY, 1986).

Assim, um olhar para as partes da lista – tal como foram aqui segmentadas – permite observar alguns tipos de modulações prosódicas bastante similares às já documentadas em estudos das LOs. Um primeiro tipo de modulação, representado na transcrição da Figura 3 por meio da anotação ‘... «’, é a redução fonética dos sinais. Na lista produzida por W, essas anotações aparecem nos sinais »HOMEM« e »NOME« (pauta 4) e »MULHER« e »OUVINTE« (pautas 5 e 6), indicando que esses sinais têm o número de repetições internas de sua fase expressiva reduzido, de dois em suas formas de menção<sup>23</sup>, a um único movimento no contexto em questão. Ao indicar regiões de *disjunção mínima* na cadeia de fala, tais modulações servem, portanto, como evidência de que os dois sinais em cada par pertencem a uma mesma unidade.

Outro tipo de modulação identificado foi o alongamento da suspensão final do sinal<sup>24</sup>, representado na transcrição da Figura 3 por meio da anotação ‘::’. Tal alongamento envolve, no caso do sinal LUIS (pauta 3), a manutenção da suspensão pós-golpe por oito frames<sup>25</sup>, e no caso do sinal GRUPO (pauta 7), o aumento das repetições internas do golpe, passando de duas, relativas à sua forma de menção, para três, no contexto em questão. Esses dois alongamentos finais se mostram especialmente significativos quando nos damos conta de que os locais onde eles ocorrem constituem fronteiras importantes na sequência interacional: a primeira, envolvendo a transição entre a prática de listagem em si e uma breve digressão (a da pauta 4); e a segunda, envolvendo a transição entre o término da listagem e retorno ao contexto narrativo dentro do qual ela emergiu.

Além de corroborar a segmentação proposta, a análise das modulações prosódicas dos sinais produzidos no interior da listagem nos permitiram ainda identificar a ocorrência de uma outra lista, menor, interna à própria listagem sob análise. Essa nova lista, que aparece na pauta 5, aparece como uma solução para o “problema” que W “criou” ao introduzir em sua lista uma digressão, uma vez que a expressão HOMEM NOME L-U-I-S rompe com o fluxo coeso da enumeração da lista principal. A solução envolve uma recontextualização dos itens já descritos de modo a introduzir o novo item a ser listado, o que W faz apontando resumidamente para as duas primeiras instâncias da boia (primeiro o BOIA-DOIS, depois o BOIA-UM), antes de passar ao item BOIA-TRÊS. O resultado é a produção de uma nova lista formada por três itens (cf. pauta 5, “(Tinha) esse (segundo), esse (primeiro) (e o) terceiro (era uma) mulher ouvinte”).

23 Por “forma de menção” nos referimos ao sinal produzido de maneira isolada e descontextualizada, tal como apresentado, por exemplo, no dicionário da Acessibilidade Brasil, disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>.

24 Os termos “suspensão”, “golpe” e “suspensão pós-golpe” que usamos aqui se referem a momentos distintos durante a produção de um sinal. O golpe é o movimento mais expressivo, que pode ser antecedido ou seguido de uma suspensão mínima ou mais prolongada. Alguns sinais são feitos com um golpe repetido, normalmente duas vezes, e esse número pode ser reduzido ou aumentado (para maiores detalhes sobre essa segmentação dos sinais manuais, ver Leite (2008)).

25 Cada frame num arquivo digital de vídeo corresponde a 33 milissegundos – ou, posto de outra maneira, 3 frames correspondem a 0,1 segundo e 30 frames a 1 segundo. Pelas observações feitas até agora, a medida de 3 frames parece ser um valor típico (e mínimo) para as suspensões no contexto de alongamentos finais.

No que diz respeito aos sinais manuais, os dois sinais referentes às informações já introduzidas anteriormente (isto é, ESS@ e ESS@, direcionados às duas primeiras instâncias da boia) são realizados rapidamente, com movimentos bastante breves. Já o terceiro sinal (isto é, ESS@, direcionado ao terceiro item de BOIA-TRÊS), referente ao elemento novo da lista que deverá ser então elaborado – e que deve ser entendido como continuação da lista original – é realizado com uma preparação significativamente mais longa, uma suspensão de dois frames antes do golpe do sinal e um golpe que percorre uma distância maior no espaço quando comparado à dos dois sinais anteriores (indicado na transcrição com “+” antes e depois do sinal). O fato de os três sinais manuais serem fonologicamente idênticos (ESS@ é um gesto de apontamento, nesse contexto direcionado à boia de listagem) sugere fortemente que a modulação no terceiro sinal, associada à informação nova no seu contexto imediato, seja uma espécie de *acento* da palavra que lhe confere proeminência.

No que diz respeito aos sinais não manuais, a análise dessa retomada de lista nos permite ainda identificar um padrão de paralelismo distinto do padrão do olhar identificado na lista principal. Simultaneamente à realização da fase expressiva de cada um dos sinais ESS@, a cabeça de W se inclina sutilmente para a frente, retornando à posição neutra ao término do sinal – movimento representado pela anotação “v” colocada acima de cada instância do sinal ESS@ (pauta 5, Figura 3). Essas idas e vindas da cabeça acompanham inclusive a modulação dos sinais manuais, com a cabeça inclinando-se para trás de uma maneira mais intensa durante a preparação, também mais intensificada do ponto de vista manual, do terceiro sinal ESS@.

Esse novo padrão de paralelismo pôde então ser explorado em maior profundidade em outra ocorrência de lista. A análise dessa lista nos permitirá, de um lado, aprofundar ainda mais o entendimento sobre o uso dos acenos de cabeça e, de outro lado, identificar um novo recurso de segmentação das unidades internas à lista: as piscadas de olhar. Essa nova lista é produzida num contexto, em que S e W discordam sobre a importância de W tentar um novo emprego, proposto por S – com S enaltecendo as vantagens do trabalho, especialmente considerando que W, desempregado, está resistindo a oferta e colocando empecilhos. É nesse contexto que S elenca os vários benefícios do emprego, como mostra a Figura 5.

Essa nova lista nos revela de que modo os acenos de cabeça são coordenados com os itens listados quando tais itens envolvem unidades compostas por mais do que um único sinal. Como mostra a trilha acima da dos olhos, referente à cabeça, inclinações com dois níveis de intensidade são produzidas por S: uma primeira, sobre o último sinal do que parece ser um sintagma (por exemplo, DENTE DENTISTA) (anotada com ‘v’, menor) e uma segunda, maior, sobre o último sinal da unidade inteira da qual o sintagma faz parte (por exemplo, DAR) (anotada com ‘V’, maior). Nos três primeiros itens listados (pautas 1, 2 e 3), esse padrão gestual é repetido integralmente, e no último item, de forma parcial, apenas com o aceno mais intenso no último sinal do sintagma (isto é, DAR-OBJETO-GRANDE).

O outro recurso não manual que se mostra relevante à segmentação interna dessa nova lista é a piscada do olhar. Em todas as listas identificadas no *corpus*, as piscadas aparecem com relativa frequência ao término de uma ou mais de suas unidades componentes, mas nesta lista em particular as piscadas são empregadas de forma sistemática. Como mostra a Figura 5, ao término de três dos quatro itens listados por S (terceira imagem da esquerda para a direita, pautas

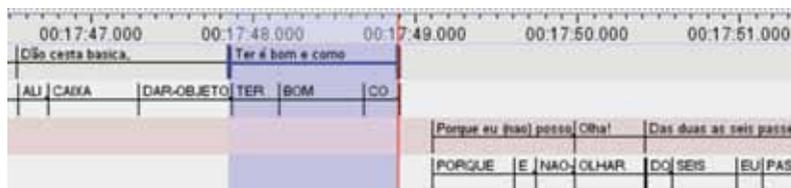
1 a 3), a piscada de olhar (anotada com “[p]” na pauta de transcrição), aparece na fronteira final da unidade, revelando que, embora não obrigatório, tal recurso é recorrente e de grande relevância para a segmentação do discurso na libras.

	<table border="1"> <tr><td>v</td><td>V</td></tr> <tr><td></td><td>(P)</td></tr> <tr><td>1. TER DAR CARTÃO</td><td></td></tr> <tr><td>Tem cartão para dar</td><td></td></tr> </table>	v	V		(P)	1. TER DAR CARTÃO		Tem cartão para dar	
v	V								
	(P)								
1. TER DAR CARTÃO									
Tem cartão para dar									
	<table border="1"> <tr><td>v</td><td>V</td></tr> <tr><td></td><td>(P)</td></tr> <tr><td>2. DENTE DENTISTA DAR</td><td></td></tr> <tr><td>Dão dentista</td><td></td></tr> </table>	v	V		(P)	2. DENTE DENTISTA DAR		Dão dentista	
v	V								
	(P)								
2. DENTE DENTISTA DAR									
Dão dentista									
	<table border="1"> <tr><td>v</td><td>V</td></tr> <tr><td></td><td>(P)</td></tr> <tr><td>3. ONIBUS METRO DAR</td><td></td></tr> <tr><td>Dão transporte</td><td></td></tr> </table>	v	V		(P)	3. ONIBUS METRO DAR		Dão transporte	
v	V								
	(P)								
3. ONIBUS METRO DAR									
Dão transporte									
	<table border="1"> <tr><td></td><td>V</td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td>4. ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE</td><td></td></tr> <tr><td>Dão cesta básica</td><td></td></tr> </table>		V			4. ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE		Dão cesta básica	
	V								
4. ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE									
Dão cesta básica									
	<table border="1"> <tr><td>5. TER BOM COMO</td><td></td></tr> <tr><td>Ter é bom e como</td><td></td></tr> </table>	5. TER BOM COMO		Ter é bom e como					
5. TER BOM COMO									
Ter é bom e como									

**Figura 5** – Acenos e piscadas do olhar delimitando unidades numa lista em libras

Por fim, novamente corroborando a análise de Sánchez-Ayala (2003), a reação de W diante dessa *lista demonstrativa* vem precisamente ao término da lista, efetuando assim a troca de falantes. Como pode ser visto na Figura 6, essa resposta é feita de maneira altamente sincronizada, a sinalização de W tendo início 0.2 segun-

dos após o término do golpe do último sinal de S, COMO (linha 2, 17m48s900ms). A resposta de W pode então ser tomada como uma evidência endógena para o estatuto da lista enquanto unidade gramatical coesa da libras, utilizada por surdos, entre outras coisas, para o gerenciamento da troca de turnos na conversação.



**Figura 6** – Sincronia na resposta à lista como evidência endógena de segmentação

Em alguns pontos durante a enumeração de itens, W também realiza acenos de cabeça, além de produzir um gesto bucal e uma inclinação da cabeça para trás – aparentemente similar ao “ah” do português e o “oh” do inglês (cf. HERITAGE, 1984) ao início da unidade 3 (“Dão transporte”). Tal observação não desconfirma a proposta de Sánchez-Ayala, contudo, uma vez que os diferentes tipos de repercussão interacional diante de listas contextualizadoras e demonstrativas são mais uma *tendência* do que uma regra absoluta. Além disso, diferentemente da lista contextualizadora – em que ao término da lista de W, no primeiro exemplo, não tivemos nenhuma contribuição “forte” do interlocutor, mas apenas uma continuação dos acenos de cabeça, enquanto W continuava com a palavra – aqui o término da lista é seguido por uma *mudança de falantes*, com W tomando a palavra plenamente.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo geral propor uma metodologia de investigação sobre a gramática da libras que se apoie menos na intuição de falantes e de pesquisadores do que em dados provenientes do discurso espontâneo. Seguindo a orientação de Baker e Padden (1978), exploramos a questão da segmentação da libras em unidades gramaticais, buscando identificar essas unidades tal como são produzidas e percebidas pelos próprios participantes surdos.

Em princípio, nenhuma análise linguística das línguas de sinais pode ser completamente isenta de vieses das línguas orais, dado que o conhecimento linguístico de que hoje dispomos foi construído fundamentalmente com base em dados transcritos de línguas orais. Isso não diminui, contudo, a importância de buscarmos alternativas para minimizar a interferência das línguas orais sobre as línguas de sinais, particularmente considerando as diferenças potenciais entre as línguas orais, cuja estruturação se apoia também sobre a dimensão sonora dos gestos vocais, e as línguas de sinais, cuja estruturação depende exclusivamente da visualidade.

Assim sendo, seguindo a sugestão de Baker e Padden (1978), utilizamos a conversa semiespontânea como ponto de partida das análises, entendendo que é na conversação cotidiana em que mais nos aproximamos do modo como os próprios falantes produzem e respondem ao uso de unidades gramaticais no discurso. Evitamos assim a utilização de dados eliciados mais pontuais, tais como o de sentenças descontextualizadas ou ainda o apelo ao julgamento intuitivo de falan-

tes. Além disso, considerando a grande complexidade e dinamismo do discurso conversacional, realizamos um recorte nos dados em busca de instâncias de listagem, uma prática discursiva cuja organização formal tem sido objeto de estudo em diversas línguas do mundo e que, portanto, poderia servir como um ponto de referência para identificação de sua estrutura interna na libras.

Dentre as listas que foram identificadas no *corpus*, uma lista particularmente bem elaborada foi utilizada como objeto central da análise. O primeiro passo foi o de verificar se as características estruturais da listagem, bem como a sua função no contexto interacional, se assemelhavam aos padrões observados nas línguas orais. De fato, verificou-se que as funções observadas nas listagens em línguas orais por Sánchez-Ayala (2003) (isto é, contextualização e argumentação) foram também constatadas nas listagens em libras.

Verificada as semelhanças funcionais do fenômeno da listagem na libras com as das línguas orais, passou-se então à análise que mais diretamente interessava à presente pesquisa, voltada para os recursos formais que permitem a sinalização das partes componentes da lista (isto é, suas unidades gramaticais) e da prática como um todo. Nessa análise, dois tipos de sinais não manuais chamaram a atenção pela sua importância na enumeração de itens listados: o paralelismo do olhar e dos movimentos de cabeça e tronco. Esses recursos gestuais parecem ser utilizados com função similar ao paralelismo prosódico nas LO, que, a despeito de particularidades formais de uma língua para outra, tem sido atestada na construção de listagens em inúmeras línguas investigadas. Isso reforça a ideia de que a prosódia deveria ser considerada como parte integrante de um complexo gestual que envolve não apenas o trato vocal, mas também as mãos e braços, rosto, cabeça e tronco (BOLINGER, 1983; OKRENT, 2002).

Outros recursos não manuais importantes encontrados nas listas estudadas foram o piscar dos olhos, que aparece de forma recorrente ao término de unidades, além da expressão facial. No caso deste último recurso, foi a expressão facial em uma das listas que permitiu que uma unidade produzida em meio ao corpo da lista pudesse “se destacar” como um item não listado, isto é, uma breve digressão em meio à listagem. Além de sua função pragmática particular, expressões faciais desse tipo, com escopo bem definido, contribuem para a delimitação de um dado conteúdo segmental, servindo como uma pista adicional para identificação de unidades gramaticais – como já vinham demonstrando vários estudiosos no campo de estudo das LS (BAKER, 1976; BELLUGI; FISCHER, 1972; LIDDELL, 1978, entre outros).

No que se refere aos sinais manuais, foi possível identificar nas unidades depreendidas um padrão de modulação similar ao encontrado em agrupamentos prosódicos nas línguas orais: reduções fonéticas indicando maior coesão interna da unidade, por um lado, e alongamentos realizados por meio do aumento do número de repetições internas do sinal ou da duração da suspensão final, indicando coesão interna atenuada e sinalizando a delimitação entre unidades, por outro lado.

Também no que se refere aos sinais manuais, vários deles mostraram um papel importante na construção da coesão interna dessa prática na libras. Em alguns casos, o principal recurso manual foi a boia de listagem, que emerge no início do detalhamento dos itens e ajuda o interlocutor a identificar o “corpo principal” da listagem<sup>26</sup>; em outros casos, itens lexicais diversos se repetem a

26 Observações casuais, ainda a serem devidamente registradas e estudadas, revelam que quando a estrutura e/ou a semântica interna à lista é muito complexa, a boia de listagem pode ser temporariamente removida do ar para ceder lugar a discursos mais elaborados. Nesse caso, distinto do que estudamos aqui, o modo como as digressões podem ser marcadas pelo participante é um dentre vários outros temas que ainda carecem de descrição para que a prática de listagem na libras possa ser compreendida nos mais variados contextos.

cada novo item listado. Além disso, assim como os falantes nas LO, os surdos tendem a encerrar uma lista com *finalizadores*, itens genéricos – embora sensíveis à semântica da listagem – que categorizam os vários elementos listados conferindo ainda maior coesão à lista.

A análise das listas permitiu ainda o levantamento de uma hipótese sobre o acento na libras. Numa lista composta de três sinais formalmente idênticos – o terceiro sinal revelou um padrão marcadamente distinto dos demais: preparação mais longa, uma breve suspensão antes do golpe e um golpe mais rápido e intenso. Não por acaso, tal sinal se referia a uma informação nova, marcada, no contexto da lista em questão. Isso sugere – com outros fenômenos similares já descritos em línguas orais e línguas de sinais (WILCOX, 2004a, p. 143, nota 4) – que esse tipo de modulação dos sinais possa caracterizar um recurso de acentuação da libras.

As marcas formais de delimitação de unidades gramaticais na libras identificadas neste estudo aparecem resumidas no Quadro 2.

**Quadro 2** – Síntese das marcas formais de segmentação da libras em unidades gramaticais

Marcas formais de segmentação na libras		
Articulador	Tipo	Função
Manual	<i>Reduções fonético-fonológicas</i> • elisão de movimentos repetitivos internos ao sinal	Produz áreas de maior junção na cadeia de fala, fortalecendo a coesão interna da unidade
	<i>Alongamento final</i> • manutenção da suspensão final do sinal • reiteração dos movimentos repetitivos internos ao sinal	Produz áreas de maior disjunção na cadeia de fala, delimitando fronteiras entre unidades e/ou trechos maiores de discurso
Não manual	<i>Mais pontuais</i> • piscada de olhos • acenos de cabeça	Marca pontos de disjunção na cadeia de fala, delimitando fronteiras entre unidades e/ou trechos maiores de discurso
	<i>Menos pontuais</i> • expressões faciais • posicionamentos e/ou movimentos da cabeça/tronco • direcionamento e/ou movimentos do olhar	Delimitação de unidades de diferentes níveis de complexidade no discurso

A presente conclusão revela que a abordagem adotada constitui uma metodologia eficaz para a descoberta de pistas de segmentação do discurso sinalizado em unidades gramaticais. Tal procedimento pode continuar a ser desenvolvido não apenas com a ampliação do *corpus*, a fim de aprofundar a análise da prática de listagem, mas também com a identificação de novas práticas estruturadas (por exemplo, narrativas, contrastes) que nos permitam consolidar essa base de conhecimento sobre os recursos gramaticais próprios da libras.

Em sua perspectiva mais ampla, o que esse tipo de abordagem para o estudo da gramática vem destacar é a importância de *ampliarmos* cada vez mais a visão sobre o emprego de recursos corporais diversos nos processos de significação na fala-em-interação – além da relevância aplicada desse conhecimento, por exemplo, no aprimoramento dos métodos de interação mais bem adequados aos diferentes perfis comunicativos de cada indivíduo. Nesse sentido, a consideração da *dimensão visual* da gestualidade deve ser vista como um passo a mais; não como ponto final! Por meio da exploração da presente metodologia sobre outras formas de interação – tal como as diferentes variedades de línguas de sinais táteis utilizadas pelas comunidades de surdos-cegos (por exemplo, COLLINS, 2004, com um foco mais gramatical; MESCH, 2000; EDWARDS, 2012, com um foco mais interacional) – poderemos progressivamente aprofundar o nosso entendimento acerca dos métodos convencionais que caracterizam os diferentes sistemas de interação social humana – particularmente daqueles a que usualmente nos referimos como línguas naturais.

## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, D. F.; STOKOE, W. C.; WILCOX, S. E. *Gesture and the nature of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BAKER, C. What's not on the other hand in American Sign Language. In: *Papers from the Twelfth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*. University of Chicago, 1976.
- BAKER, C.; PADDEEN, C. A. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.
- BELLUGI, U.; FISCHER, S. A comparison of sign language and spoken language. *Cognition*, v. 1, p. 173-200, 1972.
- BOLINGER, D. L. Intonation and gesture. *American Speech*, v. 58, n. 2, p. 156-174, 1983.
- CHAFE, W. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1980.
- COLLINS, S. D. *Adverbial morphemes in tactile American Sign Language*. 2004. Thesis (Ph.D. on Interdisciplinary Studies)–Graduate College, Union Institute and University. Washington, DC., 2004.
- EDWARDS, T. Sensing the rhythms of everyday life: temporal integration and tactile translation in the Seattle Deaf-Blind community. *Language in Society*, v. 41, n. 1, p. 29-71, 2012.
- GAGO, P. C. Questões de transcrição em análise da conversação. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 89-113, 2002.
- GARCEZ, P. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; LOPES DANTAS, M. T. (Org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub-Cuca, 2001. p. 83-95.
- GARCEZ, P. M.; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *DELTA*, v. 21, n. 2, p. 279-312, 2005.
- GARFINKEL, H.; SACKS, H. On formal structures of practical actions. In: MCKINNEY, J. C.; TIRVAKIAN, E. A. (Ed.). *Theoretical sociology: perspectives and developments*. S. l.: Appleton-Century Crofts, 1970. p. 337-366.

- GOFFMAN, E. *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1961.
- GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. H. (Ed.). *The ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart, 1972.
- HERITAGE, J. A change-of-state token and aspects of its sequential placement. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (Ed.). *Structures of social action*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984. p. 299-345.
- JEFFERSON, G. List construction as a task and a resource. In: PSATHAS, G. (Ed.). *Interactional competence*. Washington, DC: University Press of America, 1990. p. 63-92.
- JOHNSTONE, B. Presentation as proof: the language of Arabic rhetoric. *Anthropological Linguistics*, v. 25, p. 47-60, 1983.
- KENDON, A. Some relationships between body motion and speech: an analysis of an example. In: SIEGMAN, A. W.; POPE, B. (Ed.). *Studies in dyadic communication*. New York: Pergamon Press, 1972. p. 177-210.
- KITA, S.; VAN GIJN, I.; VAN DER HULST, H. Movement phases in signs and co-speech gestures, and their transcription by human coders. In: INTERNATIONAL GESTURE WORKSHOP, 17-19., 1998, Bielefeld. *Proceedings....* p. 23-35.
- LANGACKER, R. W. Discourse in cognitive grammar. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 143-188, 2001.
- LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (líbras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEITE, T. A. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGES AND CULTURES. Universidade Federal de Santa Catarina (4-7 de outubro de 2011). Florianópolis, SC, 2011.
- LEITE, T. A. Listagem e gestualidade: a construção de listagens em línguas orais e línguas de sinais. In: SIMPÓSIO SETEMBRO SURDO 2012. Instituto SELI (22 de setembro de 2012). São Paulo, SP.
- LEITE, T. A.; McCLEARY, L. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. In: DE QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Org.). *Estudos surdos IV*. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 242-277.
- LERNER, G. H. Responsive list construction: a conversational resource for accomplishing multifaceted social action. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 13, p. 20-33, 1994.
- LIDDELL, S. K. Non-manual signals and relative clauses in American Sign Language. In: PROCEEDINGS OF THE FIRST NATIONAL SYMPOSIUM ON SIGN LANGUAGE RESEARCH AND TEACHING. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, p. 193-228. 1978.
- LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LOCAL, J.; KELLY, J. Projection and “silences”: notes on phonetic and conversational structure. *Human Studies*, v. 9, p. 185-204, 1986.
- LODER, L. L.; GONZALEZ, P. C.; GARCEZ, P. M. Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 117-122, 2004.

- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- McCLEARY, L. História oral: questões de língua e tecnologia. In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. (Org.). *Memória e diálogo: escultas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- McCLEARY, L.; LEITE, T. A. Turn-taking in Brazilian Sign Language: evidence from overlap. *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, v. 4, n. 1, 2013.
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua de sinais: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira. In: SALLES, H. (Ed.). *Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. C. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2011.
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. C.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Alfa*, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.
- McNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- MESCH, J. Tactile Swedish Sign Language: Turn taking in signed conversations of people who are deaf and blind. In: METZGER, M. (Ed.). *Bilingualism and identity in deaf communities*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000. p. 187-203.
- OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- OKRENT, A. A modality-free notion of gesture and how it can help us with the morpheme vs. gesture question in sign language linguistics (Or at least give us some criteria to work with). In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Ed.). *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 175-198.
- POYATOS, F. Language-paralanguage-kinesics: the basic triple structure of human communication. In: *Nonverbal communication across disciplines*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-132. v. 1: Culture, sensory interaction, speech, conversation.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 9-73, 2003. Tradução de SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Traduzido por A. M. S. da Cunha, C. F. Duque, J. R. Medeiros, L. M. Silva, M. P. Borges e M. B. P. Schittini, sob coordenação de M. C. C. Oliveira e P. C. Gago.
- SÁNCHEZ-AYALA, I. Constructions as resources for interaction: lists in English and Spanish conversation. *Discourse Studies*, v. 5, n. 3, p. 323-349, 2003.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. Natural sign languages. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Ed.). *Handbook of linguistics*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2001. p. 533-562.
- SAPIR, E. *Language: introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921.

SCHEGLOFF, E. A. Sequencing in conversational openings. *American Anthropologist*, v. 70, n. 6, p. 1075-1095, 1968.

SCHEGLOFF, E. A. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. In: OCHS, E. et al. (Ed.) *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 52-133.

SCHEGLOFF, E. A. Accounts of conduct in interaction: Interruption, overlap, and turn-taking. In: TURNER, J. H. (Ed.) *Handbook of sociological theory*. New York: Kluwer Academic, Plenum Publishers, 2002. p. 287-321.

SCHIFFRIN, D. Making a list. *Discourse Processes*, v. 17, p. 377-406, 1994.

SELTING, M. Lists as embedded structures and the prosody of list construction as an interactional resource. *Interaction and Linguistic Structures (InLiSt)*, n. 35, Feb. 2003. Disponível em: <<http://www.inlist.unibayreuth.de/issues/35/index.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. (Ed.). *Studies in interactional linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics: occasional papers*. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960. v. 8.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONENBERG, C. G. *A dictionary of American Sign Language*. Washington DC: Gallaudet College Press, 1965.

TAO, H. *Units in Mandarin conversation: prosody, discourse, and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

TOMASELLO, M. First steps toward a usage-based theory of language acquisition. *Cognitive Linguistics*, v. 11, n. 1-2, p. 61-82, 2000.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 119-147, 2004a.

WILCOX, S. Gesture and language: cross-linguistic and historical data from signed languages. *Gesture*, v. 4, n. 1, p. 43-73, 2004b.

LEITE, T. de A.; McCLEARY, L. The identification of grammatical units in Brazilian Sign Language: a usage-based approach. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 62-87, 2013.

**Abstract:** *This article explores the relevance of approaching the grammatical description of Brazilian Sign Language (Libras) by using the analysis of natural conversation as a way of investigating the segmentation of signed discourse into grammatical units. By means of a detailed transcription and analysis of instances of listing in Libras, we present some of the formal resources that deaf participants employ in structuring their discourse.*

**Keywords:** *sign language; conversation analysis; listing.*

Recebido em fevereiro de 2013.

Aprovado em fevereiro de 2013.